08/04/2019

# Doulas na Fiocruz

## Ialê Falleiros Braga

[Historiadora e Educadora. Professora-pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (Fiocruz)]

"*Se não tem água, eu furo um poço, se não tem carne, eu compro um osso, ponho na sopa e deixo andar*". Assim é o trabalho das doulas, que à semelhança do timbre da voz de Nara Leão, atinge lugares nunca dantes percorridos no corpo e na alma da gente. As doulas se apresentaram a mim com um projeto inteiro na bolsa. Elas, que começaram sua jornada de luta no Rio de Janeiro em 2016 com a criação da Associação de Doulas do Estado do Rio de Janeiro [ADOULASRJ] e a pressão pela aprovação da Lei 7314, que garante a entrada e permanência das doulas nas maternidades e instituições congêneres, pisaram na Fiocruz em 2018 com a força das águas. Elas são assim, não têm como ser contidas. A cada grita emitida contra elas por profissionais que não querem sequer reconhecer, quiçá alterar o cenário de violência obstétrica no país, irrompem com uma capacidade incrível de transformar preconcepções criando renovadas experiências de luta.

Os fios que entrelaçaram a Fiocruz e a ADOULASRJ partiram, certamente, dos resultados do inquérito nacional sobre parto e nascimento intitulado "Nascer no Brasil", cujos primeiros resultados foram apresentados em 2012. A pesquisa desenvolvida na ENSP/Fiocruz traz à tona muitas outras formas de violência praticadas pelo modelo de saúde vigente no que tange ao momento do parto. Revelou, ainda, que os médicos brasileiros vêm induzindo as gestantes a realizarem cesarianas. A vasta pesquisa aberta através do inquérito nacional tem ajudado a embasar mudanças nas políticas nacionais sobre parto e nascimento e revisão dos parâmetros de boas práticas principalmente no setor privado de saúde.

Pois bem, o movimento das doulas chegou à Fiocruz. Elas tinham na bolsa um recurso conquistado através de uma emenda parlamentar da deputada federal Benedita da Silva que, entre outras ações coerentes com essa, presidiu a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) destinada a examinar a incidência de esterilização em massa de *mulheres* pobres no Brasil nos anos de 1991 a 1993. Foram procurar a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio [EPSJV/Fiocruz], com o argumento de que, se queriam lutar por doulas no SUS, precisavam antes de doulas formadas segundo os parâmetros do próprio SUS, com carga horária de prática supervisionada e profissionais engajados nesse sistema.

Tentar traduzir o que foi o turbilhão que me causou essa presença das doulas por aqui chama à lembrança os versos do Paulinho da Viola: "*foi um rio que passou em minha vida e meu coração se deixou levar.*"

Trabalhamos juntas para trazer mais parceiros para o projeto: professores da própria EPSJV colaboraram para o aprimoramento curricular e foram docentes da primeira turma do Curso de Qualificação Profissional de Doula; o Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira [IFF/Fiocruz] mergulhou de cabeça no projeto, com apoio logístico, docência e acolhimento das 35 alunas matriculadas no curso para a prática supervisionada no Banco de Leite Humano; o Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria da ENSP/Fiocruz também se juntou ao movimento ofertando visita guiada e ajudando a promover o Dia da Grávida na Fiocruz (que ainda vai acontecer, dia 26 de abril, das 10 às 16h no pátio interno do próprio Centro). A Secretaria Municipal de Saúde também aceitou o desafio da prática supervisionada em maternidades públicas, viabilizando os plantões por meio da supervisão de profissionais da equipe obstétrica.

As doulas sorridentes, satisfazem, num primeiro momento, sua fome pela garantia às gestantes, parturientes e puérperas aos direitos fundamentais de terem um parto digno e respeitoso.

Guardam na bolsa a satisfação de ver esse primeiro curso render belos frutos como os apresentados nos trabalhos finais das alunas, muitas somente com ensino médio completo, mas todas elas agora doulas.

A violência está no ar, mas a resistência é muito maior e encontra caminho entre os obstáculos, com a finalidade, nesse caso, de promover a saúde da classe trabalhadora por meio do parto digno e respeitoso.

Na bandeira feita de retalhos de tecidos, tinta, pincel e sorrisos lê-se: "DOULA NÃO FAZ PARTO, FAZ PARTE!" Sinal claro como o dia de que não querem substituir ninguém da equipe de saúde durante o parto.

Nem, tampouco, o acompanhante. Querem sim ser vistas, reconhecidas, mas como profissionais que, desde sua oficialização na Classificação Brasileira de Ocupações em 2013, vem compartilhando informação com quantidades cada vez maiores e mais diversas de gestantes, parturientes e puérperas e colocando-se como apoio para garantia do maior conforto físico e emocional possível para o grande momento de entrega ao próprio movimento da vida.

Ao mesmo tempo, sendo o parto o primeiro encontro dessa nova vida com os serviços de saúde, quanto mais digno e respeitoso puder ser essa recepção, certamente impactará no seu destino no mundo. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*